

CAMINHOS NA ELABORAÇÃO DE UM LUTO

Fátima Maria Vieira Batistelli,¹ São Paulo

Resumo

O presente trabalho foca principalmente o processo de elaboração de luto de um menino de nove anos de idade que aos três perdeu o pai de morte súbita. As experiências vivenciadas nas sessões de análise e o quanto essa criança pode usar a analista e o *setting*, bem como a sobrevivência de ambos, vai mostrando os caminhos que ele foi criando para se confrontar com uma dor de início e por muito tempo, impensável.

Palavras-chave: luto; uso do analista; análise de criança.

A imaginação é mais importante que o conhecimento.
O conhecimento é limitado, a imaginação rodeia o mundo.
(Albert Einstein)

Winnicott sempre acentuou o fato de que a análise deveria depender muito mais das necessidades do paciente do que dos pontos de vista do analista. Ele nos diz:

A análise não é apenas um exercício técnico. É algo que nos tornamos capazes de fazer quando um certo estágio na aquisição de uma técnica básica é atingido. O que nos tornamos capazes de fazer permite que cooperemos com o paciente no andamento do processo, aquilo que, para cada paciente tem seu próprio ritmo e segue seu próprio curso; todas as características importantes deste processo derivam do paciente e não de nós como analistas. (Winnicott, 1954/2000a, p. 374)

O caso que vai ser descrito a seguir ilustra como Lucas, uma criança de nove anos que aos três anos havia perdido o pai de forma repentina, usou o espaço criado nas sessões analíticas para elaborar o luto por essa perda tão significativa e precoce.

Uma das coisas que o pai faz pelos filhos é estar vivo e continuar vivo durante os primeiros anos da criança. (Winnicott, 1964/1982, p. 131)

Quando a mãe de Lucas me procura, ele está com nove anos de idade e a queixa trazida é que ele apresenta muitos comportamentos agressivos, não acata limites nem em casa e nem na escola, tem dificuldade de se organizar, atrapalha os colegas na sala de aula e não consegue se relacionar bem com os amigos, pois, segundo a mãe

1 Psicóloga e membro filiado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo SBPSP.

todos têm medo do Lucas. Havia sido inclusive “convidado” a sair da escola em que estava desde os três anos e já começavam as reclamações também na escola para a qual havia se mudado há um ano.

Da história de Lucas, a mãe relata que ele perdeu o pai aos três anos de idade, de morte súbita, quando a mãe estava grávida de cinco meses do segundo filho, sendo Lucas o mais velho. O pai sempre fora bastante presente e participativo na vida do menino, e a mãe conta que quando Lucas soube de sua morte, “saiu esmurrando o mundo”. Pegou uma espada de brinquedo e bateu com violência em todas as plantas que o pai gostava e cuidava. A partir daí Lucas foi se tornando uma criança cada vez mais agressiva e “difícil de lidar”.

Em seu primeiro contato comigo, Lucas desenha um objeto disforme e me diz que é um chiclete mascado, me olha e sorri, com expressão de desafio. Acredito que esse seja o movimento que ele introduz ali, entre nós, para me comunicar algo a respeito de si. Como nos fala Antonino Ferro (1995, pp. 44): “é possível considerar o desenho como uma brecha no mundo interno da criança, capaz de fazer visualizar o que está acontecendo nele”.

O que Lucas estaria comunicando? Penso que ele me fala de algo como um chiclete sem gosto, que fica atravessado no caminho, aguardando um destino. Talvez um chiclete mascado como representante do seu próprio *self*, cujo único destino possível seria o de ser descartado, cuspidor. Além disso, ele fica muito interessado nas gavetas da minha mesa que estão fechadas, quer encontrar de qualquer forma as chaves para abri-las. Diz que: “vai procurar até encontrar”. Parece que Lucas quer ter acesso às chaves que o ajudem a encontrar um caminho, a lidar com “esse chiclete mascado e indigerível”, lidar com suas angústias, perdas e, quem sabe, chaves que lhe abram espaços para pensar e repensar a morte do pai, a questão da sobrevivência e da continuidade. E, talvez ainda esteja me perguntando se eu posso ter, dentro de mim, “das minhas gavetas”, uma possibilidade de ajuda.

Considero que nesse primeiro encontro Lucas me traz toda sua esperança nesse nosso trabalho. Ele me faz um chamado e eu acredito poder acompanhá-lo. A minha postura com ele sempre foi de procurar estar presente e viva, tentando sintonizar com o tom que ele ia imprimindo à melodia de cada sessão. No início, as melodias eram em tons altos, agudos, muitas vezes criando situações onde ficava quase impossível continuar pensando. Na sala de espera, tinha muita dificuldade de aguardar a sua vez e em geral criava certo reboliço. Nas sessões usava tinta, água, cola em grandes quantidades e de forma exagerada, fazendo misturas que resultavam em muita sujeira, desorganização, desperdício de material. Outras vezes ficava brincando de me amarrar e ver se eu conseguia me soltar ou não. Em todas as sessões precisava conferir se seus brinquedos ainda permaneciam na caixa, se nada havia se estragado ou perdido. Essa movimentação toda de Lucas, em suas sessões, era

ao mesmo tempo comunicativa e necessária de ser vivenciada ali no nosso espaço. Falava do quanto estava sofrido para ele não possuir um continente adequado para dar conta de tanta angústia, o que acarretava extravasamento e desespero. Ao mesmo tempo havia um pedido para que eu me encarregasse da sua dor, fosse capaz de “me desamarar” de tudo isso, o que ele não vinha sendo capaz de fazer. Eram vivências compartilhadas ali comigo, onde interpretações, por mais adequadas que pudessem ser, não eram suficientes. Algumas vezes eu inclusive apontava sua angústia e sua busca, mas ia ficando claro que a forma como eu me comportava durante suas sessões, se eu me apresentava ou não capaz de acompanhá-lo, de criar um espaço para a experimentação, de aguardar que ele encontrasse caminhos, sem me precipitar, sem muitas verbalizações, enfim a atenção dada ao manejo do *setting* era o que realmente tinha significado durante suas sessões.

Sergio Keddy, quando define o *setting* na visão de Winnicott, diz:

O fundamental e que merece ser destacado é a distinção que faz entre manejo de *setting* e trabalho interpretativo. Diz que *setting* significa a soma de todos os detalhes do manejo. Assim, a ênfase passa da interpretação para o *setting*, o analista deverá ser suficientemente bom, fazer uma adaptação suficientemente boa...O *setting* winnicottiano é, portanto, um ambiente facilitador, com um analista suficientemente bom, capaz e disponível para se adaptar às necessidades do paciente, oferecendo uma nova chance de desenvolvimento. (Keddy, 1995, pp. 100-101)

Penso, e essa era a linha mestra que me guiava nesses momentos, que o mais importante para o Lucas era experienciar se eu e o *setting* como um todo éramos capazes de sobreviver a cada encontro. Se apesar do barulho e da confusão em que muitas vezes ele se apresentava eu poderia me manter viva e inteira.

Continuamos com a exploração por Lucas do tema destruição-sobrevivência, no vivenciar de cada sessão. Inicia-se assim uma época de jogos com bola. O que era comum nesses jogos era que invariavelmente a bola era lançada com muita violência na minha direção. Eu precisava pôr limites e ir mostrando ao Lucas que ele poderia tentar descobrir um jeito de usar a sua força, a sua masculinidade, me vencer em certos momentos, ser mais forte, sem me ferir de verdade. Ele precisava que eu pudesse entender e suportar sua “força brava”, mas que soubesse me proteger e assim protegê-lo também. Mais uma vez era vital para o Lucas me experienciar como alguém em quem valia à pena confiar, não um “chiclete mascado e sem gosto.”

Em algumas ocasiões, na sala de análise, Lucas se colocava em situações que sugeriam perigo à sua integridade física. Por exemplo, dependurava-se perigosamente no muro da sacada da sala, de forma que eu tinha que segurá-lo e afastá-lo da mesma, usando para isso contenção física, pois palavras não surtiavam efeito. Ou

tentava se machucar com objetos que trazia de sua casa. Ou encontrava algo de comer que me pertencia e se apropriava dele, como certa vez encontrou uma lata de bolachas que estava quase cheia e comeu inteirinha numa única sessão, espalhando migalhas por toda a mesa. Conversamos muito sobre isso, falamos dos vazios, da fome, da necessidade que eu me encarregasse dos restos, das migalhas e da falta. Eram sessões que exigiam uma atuação que se situava entre a paciência e a tolerância por certas atitudes e o respeito por mim, por ele e pela sala. A mãe e a orientadora da escola me contavam que tal comportamento era comum na escola e em casa, o que gerava grande mal estar nos ambientes que ele frequentava. Nas sessões essa movimentação substituía o brincar e, algumas vezes, dificultava minha capacidade de continuar pensando.

Concordo com Giovacchini quando diz:

A análise tem que criar um *setting* em que o paciente possa experienciar, assim como compreender, situações e traumas infantis frustrantes e assustadores. Esse *setting* constitui uma elaboração de um relacionamento baseado em um fluxo transferencial-contratransferencial, à medida que o inconsciente do analista ressoa com o do paciente. (Giovacchini, 1995, p. 67)

Ainda valorizando a importância do que eu e o Lucas experimentávamos naqueles momentos, acredito que mais uma vez a questão do manejo se impunha. Algo precisava ser vivenciado ali, para poder se constituir num aspecto da experiência a ser levado em consideração. Algo na linha do que Winnicott traz quando se refere à tendência antissocial e a qual ele relaciona à de-privação. De-privação entendida por ele como: “perda de algo bom, de caráter positivo na experiência da criança até um certo momento, no qual esse elemento positivo foi retirado.” (Winnicott, 1956/2000b, p. 410). Diz ele:

A tendência antissocial pode ser estudada conforme aparece em crianças normais ou quase normais, relacionando-se a dificuldades inerentes ao desenvolvimento emocional.... Uma criança torna-se de-privada quando é destituída de algum aspecto essencial de sua vida em família. Algum aspecto do que poderíamos chamar de ‘complexo de de-privação’ começa a se manifestar. O comportamento antissocial aparece em casa ou num contexto mais amplo.... antissocial caracteriza-se por um elemento que compele o ambiente a tornar-se importante. O paciente, devido a impulsos inconscientes, obriga alguém a encarregar-se de cuidar dele. A tarefa do terapeuta é a de envolver-se com esse impulso inconsciente do paciente, e o trabalho é realizado em termos de manejo, tolerância e compreensão.... A tendência antissocial implica em esperança. (Winnicott, 1956/2000b, pp. 406-409)

Outras vezes, Lucas passava grande parte do nosso tempo lendo gibi, deitado no divã de costas para mim, como se eu nem estivesse presente. Num primeiro momento, eu interpretava essas formas do Lucas se apresentar como um ataque à possibilidade de estarmos juntos, de fazermos qualquer trabalho. Só depois, suportando melhor esses momentos e me sintonizando mais com o Lucas, pude perceber que o importante era que eu o aguardasse, esperasse por ele sem sumir e ainda acreditasse que ele também não sumiria. “Que ausentar-se, desaparecer não é o fim de tudo, há sempre, de alguma forma, em algum lugar, a chance do reencontro.”

Penso que nesse espaço criado entre mim e o Lucas, ele buscava lidar com muitas de suas angústias, necessidades, dúvidas, vivências. Primeiramente tinha a questão de saber se eu poderia “sobreviver à destruição”, para então poder “usar-me”, nos mesmos termos em que Winnicott coloca: “a percepção pelo sujeito, do objeto como fenômeno externo, não como entidade projetiva, na verdade, o reconhecimento do objeto como entidade por seu próprio direito.” (Winnicott, 1975, p. 125). Enfim a importância daquele espaço entre nós e da forma como eu realmente me colocava nele.

Além disso, apareciam também os movimentos do Lucas que apontavam para suas angústias e desejos. Em muitas de suas atitudes e movimentos na sala, principalmente os que exigiam de mim limites ou cuidados com a sua integridade física, inclusive, parecia dizer-me o quanto necessitava e desejava que o pai aparecesse ali para cumprir essa função, para continuar o que havia começado e interrompido.

Isso foi ficando cada vez mais intenso e urgente. A orientadora da escola me procurava com frequência solicitando ajuda, dizendo que estava quase impossível trabalharem com Lucas: ele havia piorado o rendimento, vinha sujo para a escola, agredia os colegas, esquecia as lições, o material, mentia, roubava pequenos objetos. A mãe dizia que em casa também estava difícil, ele só levava repreensões e castigos.

Nessa ocasião, Lucas chega a uma das sessões com uma mochila e de dentro dessa tira um facão e diz que trouxe para me matar. Isso eu não senti como uma ameaça a mim, mas uma ameaça a ele mesmo, se não conseguíssemos entender aquilo ali, no nosso espaço, mas, se bem entendido poderia ser uma das chaves que ele buscava. Pensamos no que ele gostaria de estar matando em mim ou, quem sabe, nele mesmo. Aos poucos foi ficando claro o quanto essas atitudes destrutivas e de ataque em relação a si mesmo, nada mais eram do que um pedido desesperado para que seu pai aparecesse e o protegesse, de que pudesse ser vivido como uma pessoa forte e indestrutível. De que era com esse pai morto que, no final das contas, ele acabava se identificando como se tivesse que ter o mesmo destino. A angústia de não poder viver a continuidade que sobrevive à destruição. Eu apontava essas coisas para o Lucas e ele, de alguma forma, para mim. Ele sempre repetia, quando eu me referia ao seu pai a seguinte frase: “deixa ele em paz, coitado”. Nesse dia ele me diz:

“o meu pai foi um burro e fraco, pois se ele tivesse sido forte ele não teria morrido”. Estamos ali novamente em contato com o chiclete de gosto amargo, já sem utilidade, e esperando um desfecho. Ainda nessa sessão, Lucas me pede se pode usar esse facão para cortar as minhas plantas, ele diz querer experimentar o corte, acha que talvez a faca esteja “velha e cega”. Eu penso que ele começa a se “aproximar das chaves”, a tentar elaborar uma série de vivências. Em vez de fazer interpretações, que acredito me colocariam muito longe dele e que seriam desnecessárias, porque a própria experiência já fazia esse trabalho, eu combino com ele que pode cortar as minhas plantas, mas sem estragá-las, e decidimos, por sugestão dele, cortar as folhas secas. Ao final dessa sessão cai o gancho de um quadro que eu tenho na parede e Lucas me pede se pode consertá-lo, o faz usando como ferramenta a faca que disse “ter trazido para me matar”. Na hora de nos despedirmos resolve deixar a faca guardada dentro da sua caixa.

Lucas compartilha comigo que a agressividade é importante e útil, se puder ser bem usada, que o corte muitas vezes é necessário e imprescindível para que haja lugar para o novo, e que algumas folhas secam e morrem sem que a planta precise ser exterminada por completo, que vida e morte fazem parte de um único todo. Penso que estamos adentrando cada vez mais num processo de elaboração de luto, que a meu ver é um processo que se dá por experimentar a vida e a morte em seus vários aspectos e situações.

Ele ficou várias sessões trabalhando com essa faca, tentando encontrar-lhe uma utilidade, penso que refazer certos laços dentro dele, unir força, masculinidade, vida, morte, etc. Depois de um tempo a faca pôde ser levada embora. Havia cumprido sua função e novos elementos seriam trazidos para continuarmos o caminho. Lucas passa a vir às sessões com a mochila e dentro dela várias coisas que pertenceram ao pai e que ele encontrou em sua casa. São objetos pessoais, tipo: canetas, seringas, facas de caça, canivetes, relógio, isqueiro. Mostro-lhe que quer não só compartilhar comigo coisas que foram do pai, mas também recriar seu pai dentro dele, revivê-lo nos nossos encontros. Dia após dia muitos objetos foram trazidos e examinados comigo. Trouxe raquetes de tênis que pertenceram ao pai, com nome e endereço gravados e raquetes do próprio Lucas, onde jogávamos revezando, por sugestão dele, as raquetes. Num momento “ele era o pai” e no outro “jogava com o pai”.

Numa das últimas sessões com esse tema Lucas chega e abre a mochila, esparando em cima da mesa vários pertences do pai: talões de cheque que ficaram pela metade, título de eleitor, fotos de épocas diferentes, canetas gravadas, certificado de reservista. Eu ele fomos olhando tudo isso, juntos. Era como se ele me apresentasse o seu pai e o reencontrasse vivo, dentro de si. Foi muito gratificante “conhecer o pai dele”. E fomos nos dando conta de quantas coisas o pai havia feito antes de morrer, a mais importante era que ele havia existido, ele tinha vivido. Ele teve um rosto, foi

mais novo, envelheceu, votou várias vezes, saiu livre do exército, teve conta num determinado banco, gostava de jogar tênis, formou-se numa determinada faculdade, trabalhou, gerou o Lucas e compartilhou momentos significativos com ele e também morreu. Penso que a partir daí, Lucas podia trazer dentro de si não um pai morto como a “faca velha e sem corte” ou “um chiclete mascado e disforme”, mas internamente vivo, com significado, uma experiência viva, algo que de alguma forma o ajudasse a “ascender ao mundo dos homens”. Tinha agora condições, por experiência, de encontrar resposta para uma pergunta que um dia ele me fez: “você acredita em vida depois da morte? Você acha que é possível alguém se comunicar com os mortos?”. Ir, aos poucos, encontrando a resposta de que é dentro da gente que, se tudo der certo, as coisas podem reviver e continuar vivas.

A partir desse momento, Lucas começou a me propor jogos de competição, onde era cada vez mais capaz de manter as regras (o que antes era impossível), voltou com o jogo de bola e agora parecia querer se exibir para mim, mostrar seus “dotes”. A orientadora da escola, pela primeira vez me ligou para tecer um comentário positivo sobre Lucas. Disse que ele estava se expondo bem menos a situações constrangedoras na escola, e podendo ficar mais em companhia dos amigos, sendo inclusive procurado por esses, etc.

Tonia Cancrini, quando se refere à morte repentina de pessoas importantes em nossas vidas, diz que “a morte repentina é uma violência, um insulto, algo que agride a nossa mente de uma forma que não podemos elaborar, compreender” e, citando Áries, acrescenta: “a morte repentina dilacera a ordem do mundo em que cada um acreditava.” (Cancrini, 2006, p. 48)

E, Winnicott quando fala do lugar e função do pai no grupo familiar e na vida da criança coloca que:

O pai acaba entrando na vida da criança como um aspecto da mãe que é duro, severo, implacável, intransigente, indestrutível, e que, em circunstâncias favoráveis, vai gradualmente se tornando aquele homem que se transforma num ser humano, alguém que pode ser temido, odiado, amado, respeitado. (Winnicott, 1996, pp. 103-4).

Considerando esses dois aspectos podemos dimensionar o trabalho que Lucas tinha pela frente. Um trabalho que ele não tinha ainda condições internas de efetuar, e só poderia fazê-lo na companhia de alguém que a isso se dispusesse. Penso que de uma forma muito criativa, e bonita até, ele pode usar o nosso espaço para construir esse caminho. Para transformar criativamente o que era vivido como não metabolizável, o “chiclete mascado”, em algo digerível. E, mais importante ainda, ser capaz de sentir-se e vivo e descobrir um pai que carregou vida dentro de si, para só então poder “deixá-lo morrer”.

Caminos en la elaboración de un luto

Resumen: El propósito principal de este texto es el proceso de elaboración de luto de un niño de nueve años que, a los tres años, perdió a su padre por muerte súbita. Las experiencias vividas en las sesiones de análisis y cuánto ese niño pudo valerse del analista y del *setting*, así como la supervivencia de los dos, enseñan los caminos que él fue creando para hacer frente a un dolor que al principio y por mucho tiempo era impensable.

Palabras clave: luto; valerse del analista; análisis del niños.

Ways of working-through a mourning process

Abstract: This paper will focus mainly the mourning process of a nine-year-old boy, whose father died suddenly when he was three. His experiences during the analytic hours and how much this child was able to use his analyst and the setting, as well as the survival of both, show the ways he created to face up to the pain, at first (and for a long time) unthinkable.

Keywords: mourning; the use of the analyst; child analysis.

Referências

- Cancrini, T. (2006). *Um tempo para a dor*. São Paulo: Departamento de Publicações da SBPSP.
- Ferro, A. (1995). *A técnica na psicanálise infantil*. Rio de Janeiro: Imago.
- Giovacchini, P.L. (1995). Interpretação, uma área técnica obscura: comentários sobre a interpretação na psicanálise de Winnicott. In P. L. Giovacchini (Org). *Táticas e técnicas psicanalíticas – D.W. Winnicott*. (pp. 65-78). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Khedy, S. (1995) O *setting* e as análises especiais. In J.M. Filho & A.L.M. Silva, *Winnicott: 24 anos depois*. (pp. 97-106). Rio de Janeiro: Revinter.
- Winnicott, D.W. (1975). *O brincar e a realidade*. (J.O. de A. Abreu & V. Nobre, trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D.W. (1982). *A criança e o seu mundo*. (A. Cabral, trad., 6ª ed.). Rio de Janeiro: LTC.
- Winnicott, D.W. (1996). A criança no grupo familiar. In D.W. Winnicott, *Tudo começa em casa*. (P.C. Sandler, trad., 2ª ed., pp. 101-110). São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D.W. (2000a). Aspectos clínicos e metapsicológico da regressão no contexto analítico. In D.W. Winnicott, *Da pediatria a psicanálise: obras escolhidas* (D. Bogolometz, trad., pp. 374-392). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1954).
- Winnicott, D.W. (2000b). A tendência anti-social. In D.W. Winnicott, *Da pediatria a psicanálise: obras escolhidas*. (D. Bogolometz, trad., pp. 406-416) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1956).

Fátima Maria Vieira Batistelli
Rua Artur de Azevedo, 243 – Pinheiros
05451-000 São Paulo, SP
fvbatistelli@uol.com.br

Recebido em: 4/5/2010

Aceito em: 6/10/2010